



No tribunal de Isaac Bashevis Singer

In the Court of Isaac Bashevis Singer

Ivy Judensnaider*

Resumo: Este artigo analisa a vida familiar que o escritor polonês Isaac Bashevis Singer encena em *No tribunal de meu pai*. A partir da perspectiva autobiográfica, o autor narra casos levados para julgamento de seu pai no *Beit Din*¹ que funcionava em Varsóvia, e reconstrói a vida nessa cidade e em Bilgoray, para onde a família se transferiu durante a Primeira Guerra Mundial. Por meio do passado resgatado por Singer, pretendemos explorar a vida da comunidade judaico-polonesa nos primeiros anos dos Novecentos e levantar subsídios que nos permitam compreender o contexto no qual ela estava imersa. Singer não apenas julga o pai, a família, a si mesmo e os casos trazidos ao tribunal rabínico. Ao longo da narrativa, Singer instaura o seu próprio *Beit Din*: ali, o verdadeiro objeto de julgamento são as primeiras décadas do século 20 e a rede de influências filosóficas, religiosas, políticas e científicas que permearam o judaísmo do leste europeu no período anterior ao *Shoah*.

Palavras-chaves: Isaac Bashevis Singer. Judaísmo. Iluminismo.

Abstract: This article examines the family life that the Polish writer Isaac Bashevis Singer stages on *In My Father's Court*. From the autobiographical perspective, the author narrates cases brought to his father's judgment in the Beit Din that ran in Warsaw, and reconstructs the life in this city and Bilgoray, where his family moved during the First World War. By means of the analysis of the past brought up by Singer, we intend to explore the life of the Jewish-Polish community in the early years of the twentieth century and seek for contributions that allow us to understand the context in which it was immersed. Singer judges not only his father, his family, himself and the cases brought to the rabbinical court. Throughout the narrative, Singer establishes his own Beit Din: there, the true object of judgment are the first decades of the twentieth century and the network of philosophical, religious, political and scientific influences that permeated Judaism in Eastern Europe in the period before the Shoah.

Keywords: Isaac Bashevis Singer. Judaism. Enlightenment.



Introdução

Ganhador do Nobel de Literatura em 1978, o escritor polonês Isaac Bashevis Singer (1904² – 1991) utilizou sua infância e seu passado como material literário em, pelo menos, duas obras: *Amor e exílio* e *No tribunal do meu pai*. Este artigo privilegia a análise da infância de Singer e da sua vida familiar encenada em *No tribunal do meu pai*, obra que reúne um conjunto de crônicas autobiográficas provavelmente referentes ao período de 1908 a 1917 (portanto, entre os quatro e os treze anos de idade do autor). Assim, por meio da reconstrução ficcional de sua infância e das relações familiares ali situadas, Singer revela a criança que imagina ter sido e a vida em Varsóvia e em Bilgoray nas primeiras décadas do século 20.

Dada a importância de Isaac Bashevis Singer na literatura judaica e na literatura norte-americana, o esforço de explorar a sua visão de infância e de mundo se justifica: compreender o sujeito e o tempo que são enunciados por meio da memória autobiográfica pode levar o leitor ao entendimento do sujeito que a enunciou e do tempo a partir do qual o passado foi resgatado.

1 Uma família e um *Beit Din*

Escrito em 1966,³ *No tribunal do meu pai* narra alguns eventos ocorridos na época em que Singer e a família moraram na Rua Krochmalna, em Varsóvia e, posteriormente, em Bilgoray. Nessa obra, o escritor relata inúmeros casos levados pela comunidade judaica para que seu pai, membro do *Beit Din*, julgasse e resolvesse.

A partir de crônicas autobiográficas, Singer reconstrói a comunidade judaico-polonesa na primeira década do século 20. Tanto uma quanto outra resgatam um mundo inexistente: ao lembrar da infância e do tempo em que seu pai atuava no tribunal rabínico, Singer fala de um mundo que foi destruído e de vizinhos que talvez tenham todos desaparecido. Assim, em *No tribunal do meu pai*, Singer nos traz o passado que só pode ser acessado pela via da memória e que só pode ser reconstruído por meio da literatura (SAPOSNIK, 2001).

Do ponto de vista religioso e social, o *Beit Din* tinha uma importância extraordinária nas comunidades judaicas da Europa Oriental do início do século 20: a desconfiança dos judeus em relação às leis seculares traduzia-se na busca por uma justiça feita por seus próprios pares. Afinal, como recorrer às leis dos povos que perseguiram os judeus, limitavam seus direitos e promoviam *progroms*?

Ao final do século 19, aproximadamente 70% da população judaica do mundo vivia na Europa Oriental (quase oito milhões de pessoas), sujeitando-se a inúmeras restrições de ordem política, econômica e social (MOTTA, 2012).



Antes moradores de *shteitls* (pequenas aldeias interioranas), os judeus haviam migrado para as grandes cidades em busca de melhores condições de vida. Não que isso significasse qualquer mudança significativa: em Varsóvia, assim como em outros lugares, a vida era dura e cercada de perigo, preconceito, restrições e pobreza.

Embora buscassem não depender do Estado, era difícil manter distância das garras do governo russo: até mesmo para criar um *Beit Din* era necessária autorização governamental, já que rabinos oficiais tinham que prestar exames de proficiência na língua russa para que fossem nomeados. No caso do pai de Singer, o fato de o seu rabinato não ser oficial (o seu pai sequer conhecia o alfabeto russo) aumentava a dependência econômica da família em relação às doações da comunidade para sua manutenção econômica. Não à toa, o menino Singer trabalha durante certo período como coletor do pai: “o sustento de um rabino sem cargo oficial era obtido junto a sua vizinha. Tendo necessidade de suas orientações no tocante à lei religiosa e sabendo que ele precisava ganhar a vida, as pessoas obsequiavam semanalmente um coletor com quantias variadas” (SINGER, 2008, p. 171).

Esses são ambiente e contexto que marcam a narrativa do escritor. Nela, Singer se coloca lado a lado com o pai, que julga os casos, e com a mãe, que auxilia o marido. Na verdade, e de forma bastante singular, Singer nos dá a entender: o julgamento final era feito por ele, senão dos casos levados ao tribunal, ao menos da atuação dos pais no julgamento; senão da solução ali encontrada, ao menos das consequências que o julgamento poderia trazer para a sua vida no futuro. De acordo com Singer, portanto, a infância não o impedia de compreender o mundo e as pessoas; ao contrário, era ela quem o colocava numa posição privilegiada. Ao participar direta ou indiretamente dos acontecimentos que ocorriam na casa do pai, Singer assumia um papel especial: pelas frestas de portas, através das paredes ou esquecido num canto, era ele quem tinha a melhor perspectiva e a visão mais ampla dos fatos. A infância que Singer resgata não é, portanto, o período da inocência que não precisa (e não tem como) lidar com a realidade: ao contrário, é a melhor cadeira do teatro, o assento em que se tem a melhor visão do palco no qual se desenrola a vida levada a julgamento.

No tribunal do pai, quem julga os fatos, o julgamento feito e as consequências para além dos próprios fatos é a criança que Singer foi. Como resultado desse esforço memorialístico e ficcional, Singer constrói uma analogia poderosa entre os julgamentos que ocorriam no tribunal de seu pai e a própria dinâmica familiar que se desenrolava na Rua Krochmalna, 10. Nas palavras de Singer (2008, p. 9), *No tribunal de meu pai* “conta a história de uma família e de um



tribunal rabínico cujas existências eram tão entrelaçadas que era difícil dizer onde terminava uma e começava o outro”. Assim, Bashevis nos traz a história de uma família cuja ascendência encontrava-se solidamente fincada nas tradições rabínicas. Por parte do avô paterno, a linhagem nobre contava com um discípulo do próprio Baal Shem Tov. Por parte da avó paterna, a árvore genealógica incluía antecessores cabalistas e *hassidim*. O rabino, pai de Singer, havia sido um jovem extremamente antiquado: não lia livros modernos, não entendia nada de práticas comerciais e sequer falava polonês ou russo. Esse comportamento não atraía as atenções de futuros sogros ricos, mas uma proposta de casamento havia chegado por parte do rabino de Bilgoray, localidade próxima à Áustria, e que abrigava várias cortes hassídicas. O rabino de Bilgoray era também uma figura antiquada; aliás, seu fanatismo o levava a rejeitar o próprio hassidismo.

Sobre o tempo em que moraram em Varsóvia, Singer resgata não apenas as relações entre os pais e os filhos, mas também os casos que eram trazidos para julgamento e as estratégias utilizadas pelos membros da família para dar conta de compreender, julgar e auxiliar o pai. A Krochmalna invadia a casa dos Singer, movendo para o centro da sala as vulgaridades, as dores e as loucuras da comunidade judaica e não judaica de Varsóvia. Aliás, não apenas os dramas, as alegrias e as psicoses dos moradores da capital e das redondezas: também adentravam a casa do rabino as ideias socialistas, sionistas, o pensamento iluminista judaico, o conhecimento científico e o mundo laico.

Em geral, e apesar de esse ser o seu ofício, o pai lamentava a invasão: a santidade do lar e dos estudos era sempre quebrada pelos pequenos e tortuosos conflitos dos litigantes. Munido de força e disposição hercúlea, o rabino buscava resistir às intempéries externas: para proteger a família e a prática do judaísmo, as armas utilizadas eram aquelas fornecidas pela erudição conquistada após anos e anos de estudo e pela fé inabalável em Deus. Para o ele, tratava-se de uma questão extremamente complexa: era necessário resistir à modernidade e, ao mesmo tempo, dar conta de resolver os intrincados problemas que exigiam imediata solução, fossem eles de natureza comercial, religiosa ou jurídica; era necessário conviver com os vícios e com os pecados da sua comunidade e, ao mesmo tempo, preservar o profundo e imenso amor pelo povo judeu.

Em *No tribunal de meu pai*, Bashevis trata da difícil tarefa que recaía sobre os ombros de seu pai: lidar com os elementos estranhos à harmonia e religiosidade por meio das quais ele desejava organizar a vida familiar e oferecer conforto e sabedoria aos litigantes que demandavam atenção e orientação.



Singer chama para si o trabalho de julgar as ações do pai no cumprimento da difícil missão a ele reservada no comando do *Beit Din*. Em *Um Din Torá vultoso*, Singer tenta lançar ao pai um olhar imparcial: afinal, tratava-se de um caso em que dois homens, ambos acompanhados por seus próprios rabinos e advogados, procuravam o tribunal para resolver uma pendência comercial. Singer sabe que o pai é um homem ingênuo, distante de questões mundanas. Tanto isso é verdade que ele pede esclarecimentos mínimos o tempo todo, envergonhando o filho. Os fatos levam Singer a ver o pai de forma rigorosa: ele tem certeza que ele nada compreendera da questão que deveria julgar. No entanto, o pai consegue resolver a pendência, o que, inclusive, aumenta sua fama entre os membros da comunidade. O resultado satisfaz Singer e ele reconhece a carga imensa que o litígio havia representado para o pai: ao final de tudo, o rabino voltara correndo para seus livros, livre enfim de todos os odores da riqueza e da vulgaridade que haviam contaminado o ambiente puro e religioso da casa.

Em *Um noivado desfeito*, o rabino deve decidir pela anulação do noivado firmado entre um noivo que deseja o rompimento e uma noiva que se recusa a desfazer o compromisso. O pai, “em geral encontrava uma solução em que ambas as partes faziam concessões mútuas. Mas que concessões poderiam ser feitas num caso como aquele? Papai olhou para mim como se perguntasse: o que dizes disto? Porém, eu estava tão confuso quanto ele” (SINGER, 2008, p. 31). Embora confuso, Singer chegaria a um veredito: por mais jovem que fosse, entendera que o pai da noiva, avaro e mal-intencionado, havia sido o responsável pela briga entre os noivos. Singer conclui: ele conseguira solucionar satisfatoriamente a questão que diante de si havia sido colocada.

Singer trata o pai com imparcialidade, mas de forma generosa. Apesar do rigor com que o observa, o amor filial e o respeito pela erudição e sabedoria do rabino fazem com que o filho releve os raros equívocos cometidos: ao final, o pai sempre traz a resposta certa. Senão a certa, em muitos casos, a possível e a suficiente para dirimir os conflitos e satisfazer os litigantes e os preceitos da fé judaica. Essa atitude se estende à mãe. Em *O ganso*, por exemplo, a mãe é a responsável por resolver o problema de gansos que, apesar de mortos, continuavam a grasnar. Eram ou não eles *casher*? Aliás, como podiam grasnar se já não tinham mais cabeça, intestino ou fígado? *A rebetsin* tem a resposta: oriunda de uma família de racionalistas e cética por natureza, a mulher conclui que, para resolver o problema, bastaria retirar também a traqueia dos gansos. Não há como duvidar do resultado obtido: após a intervenção precisa e cirúrgica, os gansos mortos não grasnam mais. Singer reconhece: a mãe falava à maneira dos eruditos. Conhecia o texto bíblico até melhor do que o marido. “Também tinha familiaridade com livros difíceis, como *Os deveres do coração* e *O*



caminho do justo – não em tradução, mas no original hebraico. Conhecia um verdadeiro oceano de leis e era capaz de citar centenas de ditos rabínicos e parábolas homiléticas. Suas palavras tinham peso” (SINGER, 2008, p. 116).

Em meio aos casos trazidos para julgamento e buscando superar as dificuldades, os Singer vivem numa Varsóvia repleta de pobreza e de adversidades. Segundo Arendt (1989), a vida dos judeus na Europa Oriental era extremamente difícil. De forma diferente do que acontecera na parte ocidental, os judeus não haviam sido incluídos na sociedade por meio da emancipação e/ou assimilação. Ou por que fossem por demais numerosos, ou por conta da chegada tardia da industrialização no leste europeu, a questão é que a população judaica da Europa Oriental continuava sujeita a restrições. Assim, se na parte ocidental os judeus haviam conseguido inclusive títulos de nobreza (já que financiavam o desenvolvimento estatal), na porção oriental restara aos judeus apenas a posição de único povo não nacional da Europa. Enfim, às comunidades judaicas europeias orientais sobrou a difícil tarefa de sobreviver e se preservar como grupo, processo no qual a unidade familiar desempenhava um papel fundamental.

A família era o centro da vida judaica. “Os laços familiares constituíam o elemento mais forte e persistente na resistência do judeu à assimilação e à dissolução. [...] Sem a antiga esperança da redenção por um Messias e sem o solo próprio, o povo judeu [...] começou a ver o círculo interno da família como espécie de derradeiro baluarte” (ARENDR, 1989, p. 48). Esse era o tesouro que, por simbolizar o judaísmo, o rabino precisava proteger. Assim, o pai estava disposto a proteger sua família da miséria e de tudo aquilo que pudesse ameaçar o *status quo* tão durante conquistado em centenas de anos de exílio e diáspora; em outras palavras, era necessário se defender do pensamento laico, da Ilustração judaica, do sionismo e das próprias contradições que a cabala e o hassidismo carregavam dentro de si.

É importante lembrar que não se tratava de mero conservadorismo retrógrado por parte do pai, mas tão somente o instinto de defesa e de sobrevivência lapidado por séculos e séculos de perseguição. A Torá era o grande escudo protetor do povo judeu, e a ela (e ao estudo dela) todos deveriam se dedicar. Essa seria a lição que Singer receberia do pai em *O presente de Purim*: “Papai chamou-me e disse que eu deveria atentar para o que pode suceder com aqueles que, em vez de estudar a Torá, preocupam-se somente com as coisas vãs deste mundo” (SINGER, 2008, p. 89). Apesar do – ou por causa do – mundo exterior e das ilusões e desejos que ele podia despertar, um judeu deveria se ocupar apenas do que era judaico, e isso envolvia apenas a realidade tal como escrita pela Torá. “A vizinhança abundava em sionistas, socialistas, territorialistas,



assimilacionistas. Já havia uma literatura laica em ídiche e em hebraico, mas para meu pai nenhuma dessas coisas não judaicas tinham significado” (SINGER, 2008, p. 197).

O Iluminismo preconizava a crítica e a dúvida, colocando-se em oposição ao autoritarismo político e às revelações religiosas e místicas. Dessa forma, por um lado, e em função da própria porosidade da comunidade judaica dos anos Oitocentos, disseminaram-se dentre os judeus o espírito da emancipação e do racionalismo iluminista que já havia atingido os intelectuais europeus. Para Percino (2012, p. 124), “esse movimento, que se consolidou na Alemanha a partir do fim do século 18, [...] sustentou a defesa de reformas radicais na vida judaica, inspirado pelas ideias e pelos ideais da Ilustração europeia”. Assim, a *Haskalah* defendeu a inserção do povo judeu no mundo “real” (não judaico), defendendo a assimilação e o abandono do ídiche como idioma. Ao preconizar a importância do aprendizado nas universidades, a *Haskalah* apresentou a saída do gueto como uma possibilidade concreta para os judeus da Europa Oriental do final do século 19. Segundo Scliar e Niskier (2011, p. 98),

Tendo como preocupação principal a situação política dos judeus e sua relação com a cultura europeia, os *maskilim* (iluministas judeus) procuravam alargar suas perspectivas de integração social, econômica e cultural graças ao que percebiam como a remoção de discriminações legais contra eles. Eles esperavam que a sociedade judaica se mantivesse como uma entidade distinta, embora propusessem sua relativa aculturação à sociedade europeia.

O sentimento nacionalista que atingira a comunidade judaica também representava perigo, e Singer traz para sua narrativa o sionismo e suas consequências em *Rumo à terra de Israel*. Nessa crônica, ele narra a história de Moshe Blecher, um vizinho da família que resolve partir com a família para a Palestina. No início do século 20, os ventos do sionismo e as ideias de Herzl já haviam alcançado Varsóvia. Ainda, o nacionalismo polonês que se difundira em razão dos constantes conflitos dos poloneses com a Alemanha, a Rússia e a Áustria haviam deixado marcas na população judaica. A combinação entre o sentimento nacionalista e o clima persecutório aos judeus, afinal, havia criado uma nova forma de nacionalismo judaico, defensor da criação de um Estado para os judeus (e não necessariamente na Palestina) para que se pudesse resolver, de uma vez por todas, o problema da ameaça que o antissemitismo representava. Em outras palavras, se a assimilação não lograra incluir os judeus na vida europeia, nada mais restava senão construir o seu próprio Estado, com o apoio e consentimento das grandes potências. Para os defensores dessa proposta, não havia mais como esperar a era messiânica para que todos pudessem retornar à Terra Santa. Em consequência, a ameaça ao *status quo* que



o sionismo representava não era pequena. Afinal, a modernidade dos jovens sionistas, o conhecimento laico que almejavam e os sentimentos nacionalistas que os moviam sinalizavam o fim da hegemonia rabínica que até então existira nas comunidades europeias orientais.

Apesar da multiplicidade de atitudes, os sionistas tinham um denominador comum: eram modernistas e buscavam conciliar o judaísmo com a cultura, a ciência e a vida moderna afim de remediar os males que assolavam os judeus no *Galut* (diáspora). Os setores religiosos ortodoxos jamais se conformaram com a afronta destes judeus modernizados ousando redefinir o judaísmo, até então centrado em Deus e na religião, focalizando a nação e seus atributos nacionais, tais como cultura, língua e território (MILGRAM, 2009, p. 8-9).

Os Singer também precisavam lidar com as forças que a cabala e o hassidismo exerciam sobre o judaísmo do século 20, especialmente aquelas herdadas dos Oitocentos. O fenômeno do hassidismo, movimento fundado por Baal Schem Tov, havia se expandido, em especial, pela comunidade judaica da Rússia e da Polônia. Como instrumento para que a regeneração do judaísmo fosse alcançada, esse movimento usava uma linguagem relativamente moderna para transmitir os principais conceitos místicos e espirituais, especialmente por meio de epigramas e aforismos. Tal conjunto estilístico, que inclusive se destacava pela modernidade que transpirava, “representa uma tentativa de tornar o mundo do cabalismo, através de uma certa transformação ou reinterpretação, acessível às massas do povo e, nisto, ele foi por algum tempo extraordinariamente bem-sucedido” (SCHOLEM, 1995, p. 364). Afinal, era fundamental recuperar-se da decepção sofrida por conta do movimento sabatianista que havia combinado a ideia do exílio com a mística da redenção. Cumpre ressaltar: ao longo dos séculos 17 e 18, o sabatianismo e suas correntes posteriores haviam impregnado o judaísmo de tons cabalísticos e ideais messiânicos que, embora servissem de alívio para o povo perseguido pela Inquisição e pelo preconceito, também haviam disseminado pensamentos e comportamentos heréticos. Por isso mesmo, o final trágico da experiência que resultara dessa combinação (a conversão ao islamismo de Sabatai Tzvi e a apostasia de Jacob Frank) não poderia ter sido mais cruel, sendo necessário vigiar e isolar os rabinos que ainda se encontravam sob a influência desse movimento.⁴

O movimento hassídico, em essência um movimento revivalista, concentrou-se em alcançar e influenciar as grandes massas, retirando do cabalismo as suas características messiânicas e preservando os elementos capazes de alcançar a aceitação popular. O hassidismo também valorizou um novo elemento; se, anteriormente, o líder era o estudioso da Torá, o erudito, agora um novo líder



surgia: carismático, “ele ainda é espirituoso e rápido na réplica, mas o segredo de seu poder está no mistério da personalidade magnética e dominante, e não na do mestre fascinante” (SCHOLEM, 1995, p. 374).

Embora pobre em termos de elementos verdadeiramente originais, o hassidismo foi capaz de produzir uma psicologia mística que, independente da teosofia para ser compreendida, pôde ser apreendida, aceita e praticada por todos. “O cabalismo torna-se um instrumento de análise psicológica e de autoconhecimento, [...] [uma] notável mistura entre, de um lado, uma entusiástica adoração de Deus e uma interpretação panteísta ou, melhor, acosmística do universo e, de outro, uma intensa preocupação com a mente humana e seus impulsos (SCHOLEM, 1995, p. 378). Sobre isso, Singer trataria em *O suicídio*, quando a família precisa lidar com o suicídio de um homem apaixonado, mas proibido de se casar com a mulher amada. O acontecimento serve de oportunidade para que o pai converse com o filho sobre ética, instrução, moral e Cabala. “Papai conversou comigo por um longo tempo. Disse-me que havia uma partícula do divino em todas as coisas. Até mesmo a lama da sarjeta [...] [continha] centelhas divinas, pois sem elas nada poderia continuar a existir” (SINGER, 2008, p. 97). A lição serviria de inspiração para a experiência mística, quando o escritor narra ter sentido dentro de si uma partícula da Divindade. “Na escuridão, divisei uma flor chamejante, reluzindo como ouro, luminosa como o sol. Ela se abriu como um cálice e de seu interior saltaram cores vivas: amarelo, verde, azul, púrpura – cores e formas como as que vemos somente nos sonhos” (SINGER, 2008, p. 98).

O hassidismo, ao transformar o cabalismo em *ethos*, também cria a figura do *tzadik*, aquele que vive de acordo com as normas santas e que se transforma em encarnação viva da Torá. Não era mais o estudo da Cabala que possibilitava uma vida rica em espiritualidade ou divindade. Para alcançar a santidade, bastava seguir o exemplo do *tzadik*. “Toda pessoa, assim rezava a doutrina, deve[ria] tentar tornar-se a corporificação de uma certa qualidade ética. Atributos como piedade, serviço, amor, devoção, humildade, clemência, confiança, mesmo grandeza e domínio fizeram-se deste modo extraordinariamente reais e socialmente eficazes” (SCHOLEM, 1995, p. 379). Mais: a santidade como resultado de uma conduta ética surge, inclusive, dentre os não-judeus e, em *A lavadeira*, Singer conta sobre uma velha gentia que lavava a roupa para a família. A sua morte, ocorrida apenas depois de ela entregar uma grande muda de roupa que levava para lavar, levaria o menino à uma singela conclusão: “Não consigo imaginar o Éden sem essa lavadeira. Não sou capaz nem de conceber um mundo onde não haja recompensa para tamanho esforço” (SINGER, 2008, p. 48).



A influência do hassidismo não seria recebida de forma positivamente homogênea pela comunidade judaica: havia aqueles que percebiam no movimento uma ameaça ao judaísmo rabínico até então vigente. No entanto, a tensão criada no encontro entre essas várias práticas do judaísmo só fez enriquecê-lo. Misticismo, doutrinas cabalísticas, experiências religiosas, panteísmo: o conflito entre a “Torá no coração” e a “Torá escrita” produziu uma inovação que, ao mesmo tempo e de forma dialética, reforçou a própria tradição. Dado esse contexto de múltiplas facetas e influências, o que protegeria a família Singer da instabilidade e da contradição? A resposta é simples: a instrução. Para o rabino, o *Beit Din* e o julgamento de todos os casos ali aportados servem como pretexto para a instrução dos filhos, instrução essa que transforma as normas e as leis religiosas em cânones de ética e regras de conduta. A criança que Singer foi aprende tudo o que pode ser ensinado por seus pais:

Embora minha mãe e meu pai não se parecessem muito um com o outro, a ambos revoltavam a vulgaridade, a ostentação, as intrigas e a bajulação. Havia em nossa família o entendimento de que a derrota era preferível ao vício, de que as conquistas que as pessoas obtinham deviam ser alcançadas com honestidade. Éramos os herdeiros de um código heroico até então não escrito na literatura *íidiche*, cuja essência era a capacidade de suportar o sofrimento em benefício da pureza espiritual (SINGER, 2008, p. 217)

Bashevis, essa mesma criança que julga o mundo e a família, seria o primeiro a perceber: a mudança chegaria aos Singer de forma irreversível, mesmo contra a vontade do Rabino e de todos. Aliás, surgiria debaixo do próprio teto e dentre os da própria família. A irmã, Hinde Esther, por exemplo, herdaria a inspiração hassídica da família e a índole das *rebetsins* mais devotas. Segundo Singer, ela era uma *hassid* de saias, e sua histeria e os ataques de epilepsia que sofria estimulavam a natureza passional da qual era possuidora. Hinde lia jornais em íidiche e já observava ideias modernas. Ao casar em Antuérpia com um lapidador de diamantes, passou a trocar correspondências com a família.⁵ “Nas respostas que ela escrevia, lampejaram as primeiras centelhas literárias de nossa família” (SINGER, 2008, p. 179). Na mesma época, Israel Joshua (o irmão) resolveu se dedicar à pintura e à leitura de livros de ficção em íidiche. “Apesar de continuar a se vestir como um *hassid*, meu irmão passava cada vez mais tempo pintando e lendo livros laicos, polemizando longamente com mamãe, falando a ela sobre Copérnico, Darwin e Newton, a respeito de quem ela já havia lido algo em livros hebraicos” (SINGER, 2008, p. 186).



Na Varsóvia da Primeira Guerra Mundial, as condições de vida se agravam. A escassez de alimentos torna-se constante. Epidemias de tifo, cólera e tuberculose se alastram. Ratos e camundongos correm soltos pelas casas e o lixo é jogado nas ruas. Cambaleantes e preocupados, rabinos vagam em busca de comida e de roupas que possam proteger as famílias durante os rigorosos invernos. E, afinal, “eram as roupas que deixavam transparecer nossa pobreza” (SINGER, 2008, p. 230).⁶ Não havia muito o que ser feito. Como concluiria Singer (2008, p. 277), “nós, judeus, com nossa crença em um Deus cuja existência não podia ser comprovada, não tínhamos nem pátria nem terra em que trabalhar, e tampouco nos preocupávamos em estudar para ter uma profissão”. O irmão, Israel, também compartilharia essa opinião:

Se olhares pela janela, mãe, verás que aparência tem os judeus: uma gente curvada, desesperançada, todos vivendo na imundice. Vê como eles arrastam os pés... Ouve como eles falam. Não admira que todos os outros os considerem asiáticos. Por quanto tempo mais achas que a Europa tolerará em seu seio esse torrão da Ásia? (SINGER, 2008, p. 237).

A ocupação de Varsóvia pelos alemães faz com que a mãe, Isaac e o irmão mais novo busquem abrigo em Bilgoray, em 1917. E, embora Bilgoray fosse uma localidade afastada do centro urbano, lá Singer finalmente entrará em contato com a modernidade. A unidade familiar se esvai e os Singer se dispersam. A irmã já havia ido para Antuérpia (posteriormente, Hinde se mudaria para Londres). Israel sai da casa do pai, em função das constantes brigas provocadas por seus hábitos modernos: distante do ambiente rabínico, ele se dedica a estudar literatura e arte. Próximo à Ilustração e simpático ao socialismo, Israel torna-se crítico em relação aos dois mundos (laico e religioso).

Em Bilgoray, os Singer são informados a respeito da morte de grande parte da família durante uma epidemia de cólera. Sobre a cidade, verdadeiro reduto do judaísmo antigo, o autor diria:

Tudo lá era feito em clima de conspiração. Levei anos para descobrir a existência, entre os operários da cidade, de membros do *Bund* que haviam participado de greves e comícios em 1905. Fosse por que ignorassem que os socialistas gozavam de reconhecimento legal na Áustria ou porque fingissem ignorá-lo, cultivavam sua forma particular de socialismo como houvesse nela um que de ciência oculta (SINGER, 2008, p. 327).



Embora o iluminismo houvesse chegado à Lituânia há um século, somente naquele momento alcançara Bilgoray (1918). Se o irmão e seus amigos já haviam plantado a semente da heresia na cabeça de Singer, faltava pouco para que ele mergulhasse de vez no oceano das novas ideias e de uma nova mentalidade. Assim, em Bilgoray, Singer entra em contato com o sionismo e com o *Bund*, frequenta festas e debates, assiste peças de teatro, tem acesso à biblioteca em ídiche de livros seculares e passa a ler Sholem Aleichem, Bialik e Peretz. Também lê traduções de Tolstói, Maupassant, Tchékhov e Hillel Zeitlin. A partir do contato com os amigos e com a biblioteca, Singer se aproxima do conhecimento científico à disposição:

A leitura do livro de Física era difícil, suas frases longas e complexas, e a linguagem, estranha. Mas obter conhecimento científico, eu bem sabia, nunca fora uma tarefa fácil. Aquele livro era o resultado de centenas de descobertas realizadas ao longo de centenas de anos. O século 19 não estava completamente no livro, porém aprendi muitas coisas com Arquimedes, Newton e Pascal [...]. Às vezes, pela força do hábito, entoava melodias talmúdicas enquanto lia (SINGER, 2008, p. 340).

Não são apenas as ideias filosóficas e o conhecimento científico que mudam a forma de Singer perceber o mundo. Aos poucos, ele se apaixona pela literatura e pelo fazer literário. Tudo o que ele escuta deixa a sua imaginação em chamas. “Aquilo não era somente um mexerico, era o que meu irmão chamaria de pasto para literatura” (SINGER, 2008, p. 249). Se, para o pai, a instrução havia sido utilizada para preservar o judaísmo, para Singer – envolvido em um esforço memorialístico notável de resgatar o passado – a estratégia utilizada para compreender o seu próprio tempo vem sob a mesma forma encontrada pelo hassidismo para se desenvolver e se propagar: a transformação dos fatos em histórias.

Para Singer, o passar do tempo e a ação destruidora do nazismo deixaram a ele essa alternativa: contar a estória passada de um tempo em que, no tribunal do seu pai, os homens eram julgados de acordo com a interpretação que homens crentes faziam das leis de Deus.

2 Literatura, exílio e memória

Singer iniciou sua carreira de escritor como jornalista na capital polonesa, influenciado pelo seu irmão mais velho Israel Joshua Singer, também escritor. À época em que Singer escreve *No tribunal do meu pai*, ele já está morando nos Estados Unidos. O seu ponto de vista é, portanto, o do exilado e do autor que



conseguiu extrapolar as limitações impostas pela própria língua escolhida para escrever suas obras, o ídiche.

É também o judeu que, oriundo de uma família com forte tradição rabínica, encontra na Ilustração judaica uma forma de sobreviver e de compreender o mundo. A literatura, uma das pontas de lança da *Haskalah* produziu, no caso de Singer e de outros escritores judaicos do período, uma ficção romântica e emancipatória, “de intenso amor e comprometimento para com os elementos marcantes da tradição e, ao mesmo tempo, a expectativa de dissolução desses traços tradicionais, para dar vazão à emergência de uma nova realidade e um novo homem” (MANDELBAUM, 2014, p. 89). No campo da cultura, é importante lembrar que os *maskilim*, os iluministas judeus, tinham como missão tornar *kasher* o que antes era considerado herético. Esse fato foi um dos que fizeram nascer uma geração de escritores seculares, em especial na Europa Oriental, e que escreveria na língua tida como “menor” (quase um jargão), em ídiche. Inicialmente, esses escritores buscariam se distanciar do judaísmo tradicional; mais tarde, até como esforço para sobreviver e para preservar um mundo que parecia desaparecer, esses escritores retornaram ao material cultural judaico, embora sob a inspiração de escritores e pensadores não judeus (ROSKIES, 2009).

Em seus trabalhos, Singer constrói imensos painéis da vida judaico-polonesa do final do século 19 e início do século 20. Em geral, sua narrativa é semelhante à de um contador tradicional, e nela a criação literária encontra-se disfarçada (GUINSBURG, 1996).

As histórias, embora expostas de uma forma direta e aparentemente calcadas na mimese do real ou do imaginário popular da tradição, sofrem um tratamento pelo qual traços, imagens, recortes e fabulações são concentrados, simplificados, fundidos e sintetizados. A consequência é uma espécie de descolamento em face de sua implantação e referência de origem, o que abre entre o dizer e o dito um hiato, um vazio, como se uma fina lâmina as tivesse cortado de suas raízes. Assim, ficam como que pendentes no ar, remetendo-se, por reação reflexa e auto irônica, apenas a si mesmas, e convertendo-se em fantasmas do que foram em sua fonte ou pareciam ser, à primeira vista, na transcrição de Bashevis Singer (GUINSBURG, 1996, p. 462).

Em outras palavras, essa narrativa descritiva e naturalística é capaz de transcender a si mesma: se tal não ocorresse, como explicar os fantasmas que emergem da lama dos *shteitls* e transpassam as paredes dos cortiços de Varsóvia? Se as histórias são contadas a partir de regras narrativas aparentemente simples, o resultado que delas surge é complexo, caótico e fantástico. As dores, as tragédias, a mesquinhez, os sonhos, as virtudes, os



receios, as psicoses e as patologias que o desfile dos personagens nos apresenta não deixam dúvidas sobre o profundo alcance e a imensa profundidade que a literatura de Singer atinge. Para Jacó Guinsburg,

Bashevis Singer, embora sendo um escritor inequivocamente *íidiche*, isto é, de uma língua cuja massa vital de falantes foi em grande parte reduzida às cinzas dos crematórios nazistas, tornou-se uma espécie de filho natural, um interessante sincretismo cultural, das letras e dos leitores americanos. A tal ponto que sua imagem e sua fama de narrador [...] passaram a ser quase não as de um autor judeu-*íidiche*, mas as de um americano judeu (GUINSBURG, 1996, p. 461).

O testemunho de Singer dista mais do que cinco décadas em relação ao momento em que os o fato que narra: àquele momento, o autor era uma criança.⁷ Independentemente do certificado de garantia do escritor quanto à qualidade de sua memória, partimos do pressuposto de que o material aqui analisado é resultado de uma distância entre o que é enunciado e o passado que, acredita-se, tenha acontecido; também é fundamental considerarmos a distância entre o sujeito que foi enunciado e o sujeito que enunciou. A medida entre essas duas distâncias é resultado, por sua vez, das camadas de vozes e de textos que reconstruíram o passado e que deram voz a um sujeito que já não existe mais, e que apenas pode ser lembrado e adivinhado.

A memória trata não apenas do que ocorreu, mas acolhe também o que poderia ter acontecido (ou o que deveria ter ocorrido), mas não aconteceu. Ao escrever *No tribunal de meu pai*, Singer e o mundo sabem a respeito dos efeitos devastadores do regime nazista e do extermínio do povo judeu, executado de forma sistemática, burocrática e científica. Evento único, de forma alguma similar a qualquer outro já ocorrido ou imaginado, o Holocausto adicionara algo extremamente novo ao histórico de perseguição do povo judeu. Desse modo,

[Os nazistas inventaram] com a Solução Final. Essa foi sua grande invenção e foi nisso que o processo inteiro foi diferente de tudo que o precedera. [...] Pois desde os primeiros tempos, desde o século IV, o V e o século VI, os missionários cristãos haviam dito aos judeus: 'não podem viver entre nós como judeus'. Os chefes seculares que os sucederam desde a alta Idade Média decidiram então: 'não podem mais viver entre nós'. Enfim os nazistas



declararam: ‘não podem mais viver’ (HILBERG *apud* LANZMANN, 1987, p. 101).

No caso específico da Polônia, o quadro era mais assustador, já que a ocupação da Polônia havia sido o marco inicial da Segunda Guerra; os planos de Hitler quanto à limpeza da Europa da presença judaica haviam resultado em uma operação “pente fino” que cruzara o território europeu de oeste a leste, sempre em busca de deixar a Alemanha e os países ocupados *judenrein*, livre de judeus. De acordo com Arendt,

O Leste era o cenário central do sofrimento judeu, terminal de horrores de todas as deportações, lugar de onde não havia escapatória e onde o número de sobreviventes raramente chegava a mais de 5%. O Leste, além disso, fora o centro da população judaica na Europa antes da guerra; mais de 3 milhões de judeus tinham vivido na Polônia, 260 mil nos Estados Bálticos, e mais de metade dos estimados 3 milhões de judeus russos na Rússia Branca, Ucrânia e Crimeia (ARENDR, 2013, p. 227).

Em *No tribunal do meu pai*, Singer, certamente, não tinha apenas que lidar com as notícias da destruição da população polonesa, judaica e não judaica. As informações que chegavam da Europa davam conta do imenso caos que tomara conta de expatriados e libertos dos campos de trabalho e de extermínio: se milhões haviam sido realocados durante o regime nazista e transferidos de um lado para o outro, agora era hora de retornar. Mas, retornar ao que? Retornar às aldeias destruídas, à paisagem de morte e desolação? Buscar por familiares nas listas de sobreviventes?

Para Judt (2008), dentre os judeus que haviam sido libertados dos campos, “quatro em cada dez morreram poucas semanas após a chegada dos exércitos aliados – o estado de saúde dos sobreviventes estava além da capacidade da medicina ocidental” (JUDT, 2008, p. 38.). Mas, a Europa não os queria mais. Depois de sofrerem uma campanha de destruição e extermínio que durara seis anos, aos judeus não era mais dada a alternativa do retorno aos lugares de origem. De acordo com Judt (2008, p. 46), “jamais se cogitou devolver judeus para o Leste da Europa [...]. Tampouco eram os judeus muito bem-vindos no Ocidente, sobretudo se fossem formados ou qualificados em ofícios que não envolvessem trabalho manual [...]. A dificuldade de ‘situar’ a população judaica europeia só foi resolvida com a criação do Estado de Israel” (p. 46).

Dadas as provas contundentes coletadas, filmadas e gravadas pelos Aliados que haviam libertado os campos de concentração, era impossível ignorar o genocídio cometido contra o povo judeu. É provável que, também para Singer,



criado e educado em ambiente religioso, o extermínio do povo judeu nas dimensões em que havia ocorrido fosse um fato sem precedente. E, na Polônia, a destruição havia sido total.

Singer narra um mundo que já se foi por que tudo que ele continha foi destruído e aniquilado. Na sua narrativa, porém, ao contar os casos que aportavam à casa do pai, isso não é mencionado. Com exceção de uma única crônica, em todas as outras apenas Singer e nós sabemos que todos foram assassinados em câmaras de gás, fuzilados nos bosques, exauridos até a morte nos campos de concentração e transformados em cinzas. Essa dor muda, e que se esconde sob a extraordinária reconstrução ficcional do passado, rompe-se quando Singer fala dos poucos amigos e conhecidos a respeito dos quais teve notícias após deixar Varsóvia. Ao recordar Reb Asher, o leiteiro que amava seu trabalho tanto quanto amava seu judaísmo, Singer abre a cortina que separa o passado do presente e que divide o passado do futuro do qual sabemos. A proteção mágica da ficção se desfaz, restando-nos a realidade que o conforto da construção literária nos havia feito esquecer:

Depois que partimos de Varsóvia (durante a Primeira Guerra), continuamos a receber, de tempos em tempos, notícias suas. [...] Não sei se viveu para ver os nazistas ocupando Varsóvia. É provável que tenha morrido antes. Mas judeus como ele foram levados para Treblinka. Que essas memórias lhe sirvam de monumento e a outros iguais a ele que viveram como santos e morreram como mártires (SINGER, 2008, p. 194).

A mesma dor silente rasga a narrativa ficcional quando outros são lembrados. Dos poucos amigos que Singer havia conquistado em Bilgoray, ele dirá: “Só o tempo nos separou. O resto foi obra dos assassinos alemães” (SINGER, 2008, p. 256). O mesmo destino teve Mottel, que havia ensinado a gramática hebraica que Singer usara para escrever a sua primeira poesia. “Anos depois, Mottel seria assassinado pelos alemães” (SINGER, 2008, p. 338). Alguns poucos escaparam. Sobre o primo Samsom, parente que Singer reencontrou em Bilgoray, o autor diria: ele foi “o único que sobreviveu ao Holocausto nazista – tinha a mesma idade que eu e seu cabelo era escuro” (SINGER, 2008, p. 315).

Será a partir da adição dessas camadas de dor e de sofrimento ao resgate do passado que Singer construirá a narrativa sobre a sua infância e sua vida familiar em um período anterior à destruição total. Segundo Saposnik (2001, p. 455), Singer narra o mundo antigo, o da corte de seu pai que representava a estabilidade em oposição “à falsa liberdade que produzia apenas caos”. O sujeito que enuncia fala de uma infância que simboliza o tempo em que todos



sabiam quem eram, conheciam o lugar ao qual pertenciam e estavam cientes dos valores morais e religiosos que deveriam ser seguidos.

O sujeito que enuncia é o exiliado, e o exílio que transpira das lembranças e da memória é carregado de resiliência: escrever e lembrar são formas de resistir, e o passado retorna distanciado da linguagem e da cultura que o novo espaço representa. O exílio é, acima de tudo, interior, e está vivo na lembrança do passado que desapareceu de uma vez, e não apenas por que o tempo passou. Lembrar é, portanto, vingar-se de quem tentou fazer desaparecer, mesmo que a lembrança só possa fazer o mundo antigo retornar por meio da construção literária. Segundo Campos e Oliveira,

o exílio representa um processo de reestruturação no qual não apenas figura o distanciamento físico, mas também o temporal. No exílio, o tempo precisa ser reinventado, uma vez que, ao partir da terra natal, o exilado se vê isolado do grupo ao qual pertencia, não estando mais em contato com as possíveis mudanças ocorridas no país de origem após sua partida. Assim, para o exilado, o tempo relativo ao espaço de origem é o passado, não o presente. Uma vez isolado, o que lhe resta da terra natal são as imagens, as características, os sons, etc., gravados na memória. (CAMPOS OLIVEIRA, 2008, p. 12)

Ao escritor, restam os vestígios e as marcas da gênese de suas crenças e percepções a respeito do mundo. Assim, relembrar significa também proceder arqueologicamente, buscando, abaixo das camadas e camadas de terra e de tempo, sua própria origem e o nascimento de suas ideias. Em alguns momentos, esse resgate arqueológico é nostálgico. Ao relembrar das conexões feitas entre Spinoza e alguns conceitos da cabala, Singer comenta:

Hoje, ao escrever estas linhas, tenho uma postura crítica em relação às opiniões que elas expressam, estando perfeitamente a par de todos os defeitos e lacunas do spinozismo. Porém na época, eu me via sob o efeito de um encantamento que duraria muitos anos (SINGER, 2008, p. 246).

Em outros, Singer busca explicar o fascínio e a mágica que cercaram o seu contato com o mundo rabínico, com os ideais socialistas e sionistas, com a Ilustração e com a Ciência. Esse encontro constituir-se-ia no vértice do processo de amadurecimento de uma maneira muito particular de ver o mundo. “O Céu e a Terra haviam se tornado a mesma coisa. As leis da natureza eram divinas, as



verdadeiras ciências de Deus eram a matemática, a física e a química. Meu desejo de aprender tornou-se ainda mais intenso” (SINGER, 2008, p. 346)

Porém, nem tudo é nostalgia, fascínio e mágica. Há dor e sofrimento, há problemas para os quais não há solução. Quando Singer se pergunta à criança que foi o que deve ser feito e qual a maneira correta de agir, não há como saber se a resposta deve vir do passado ou se deve surgir a partir do que essa criança aprendeu desde então. Quando Singer questiona o porquê de Deus permanecer em silêncio no Sétimo Céu, não há como ter certeza: o autor fala em relação à Varsóvia do início do século 20, aos milhões de mortos na Segunda Guerra ou ao mundo da década de 1960? Quem verdadeiramente está perguntando e de onde deve vir a resposta?

Também há paixão, um dos elementos vitais que movem a criação literária. Isso ocorre em Bilgoray, quando Singer conhece uma moça que muito o impressiona. “A essa altura eu já tinha muitos romances e poemas na cabeça; já estava preparado para o turbilhão que os escritores chamam ‘amor’” (SINGER, 2008, p. 347). Sob o manto da narrativa ficcional-memorialista e diligentemente envolvido com o resgate autobiográfico da vida familiar, Singer revela, quase que de forma sub-reptícia, o quanto o seu nascimento como escritor é devedor do tempo e do mundo que se foram e que nunca mais retornarão.

* **Ivy Judensnaider** é Economista e Mestre em História da Ciência. Coordena o curso de Ciências Econômicas nos *campi* Paulista e Marquês da UNIP/SP, e leciona nos cursos do Instituto de Ciências Sociais e de Comunicação da mesma instituição.

Notas

¹ Tribunal rabínico.

² Há incerteza quanto à data e ao local de nascimento de Bashevis em função de o registro do nascimento de Singer ter ocorrido em Radzymin, quando o autor já contava com alguns anos de idade. A partir de pesquisas a respeito de Isaac Bashevis Singer, optamos por assumir o ano de 1904 e a cidade de Leoncin (localidade na qual a família Singer morou antes de se mudar para Radzymin) como correspondentes à data e ao local de nascimento do escritor. Isaac Bashevis Singer faleceu em 24 de julho de 1991, nos Estados Unidos, país em que procurou abrigo um pouco antes da II Guerra Mundial (FINGUERMAN, 2015, p. 70).



³ Há fontes que mencionam os anos de 1963 a 1966 como sendo o período em que a obra foi escrita. É provável que esses anos correspondam ao tempo em que foi publicada em capítulos no *Jewish Daily Forward*, quando Singer utilizou o pseudônimo artístico de Isaac Waishawsky.

⁴ Por fim, e de forma bastante contraditória, o sabatianismo criou “uma atmosfera moral e intelectual favorável ao movimento da reforma do século XIX” (SCHOLEM, 1995, p. 334). Apesar da reação contrária da ortodoxia e dos racionalistas ao sabatianismo, não foram poucos os rabinos que se deixaram influenciar por essa nova forma de misticismo, e são inúmeras as provas de uma conexão entre os místicos e os pensadores esclarecidos da Ilustração judaica.

⁵ Hinde Esther Singer, como os irmãos, seguiria posteriormente a carreira de escritora, assinando seus livros com o nome de Esther Kreitman.

⁶ Ao ganhar um casaco novo de cetim, Singer diria: “Antes, minhas roupas faziam com que eu me sentisse inferior, muito embora eu fosse mais bem informado que eles e estivesse a par de coisas como o sionismo, socialismo, o peso do ar, a origem do carvão” (SINGER, 2008, p. 233)

⁷ Em outra obra memorialista, Singer buscava garantir a qualidade de seu relato: a sua capacidade para lembrar e reconstruir eventos do passado era impressionante. “Eu tinha cerca de três anos e cinco meses quando nos mudamos para Radzymin. Mas recordo até hoje Leoncin, e episódios que passei lá. Quando mais tarde contei isso à minha mãe, ela se recusou a acreditar. Indagou detalhes, e eu a convenci de que falava a verdade” (SINGER, 2007, p. 9).

Referências

ARENDDT, Hannah. *Origens do Totalitarismo*. Trad. Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

ARENDDT, H. *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*. Trad. José Luiz Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

CAMPOS, G. C.; OLIVEIRA, M. C. C. de. Dimensões geográficas, literárias e tradutórias do exílio. *Literatura em debate*, v. 2, n. 2, 2013. Disponível em: <<http://revistas.fw.uri.br/index.php/literaturaemdebate/article/view/426/769>>.

Acesso em: 28 set. 2015.

FINGUERMAN, Ariel. Israel Zamir fala do pai Bashevis Singer. *A Hebraica*, Ano LVI, n. 636, fev. 2015.

GUINSBURG, Jacó. *Aventuras de uma língua errante*. São Paulo: Perspectiva, 1996.



- GHIVELDER, Zevi. Bashevis Singer: sonhador da realidade. *Morasha*, n. 62, setembro de 2008. Disponível em: <http://www.morasha.com.br/conteudo/artigos/artigos_view.asp?a=763&p=0>. Acesso em: 16 fev. 2015.
- HILBERG, Raul. *The destruction of the european jews*. New York: Holmes e Meier Publishers, 1985.
- JUDT, Tony. *Pós-Guerra: uma história da Europa desde 1935*. Trad. José Roberto O'Shea. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.
- LANZMANN, Claude. *Shoah: vozes e faces do holocausto*. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- MANDELBAUM, Enrique. (2014). Uma fenda para o inusitado: a literatura de Isaac Bashevis Singer. *Ângulo*, (120). Disponível em: <<http://fatea.br/seer/index.php/angulo/article/view/759/520>>. Acesso em: 16 fev. 2015.
- MILGRAM, Avraham. (2009). Reflexões sobre o sionismo e Israel. *WebMosaica*. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/webmosaica/article/view/9591/>>. Acesso em: 15 set. 2015.
- MOTTA, Pedro Villar. (2012) O Nacionalismo Judaico: os projetos de Ahad Ha'am, Theodor Herzl e Dov Ber Borochoch. *Núcleo de Estudos Contemporâneos/UFF*, 2012. Disponível em: <http://www.historia.uff.br/nec/sites/default/files/Pedro_MotaO_Nacionalismo_Judaico.pdf>. Acesso em: 11 set. 2015.
- NOBEL PRIZE (2015). *Nobel prizes and laureates*. Disponível em: <http://www.nobelprize.org/nobel_prizes/literature/laureates/1978/>. Acesso em: 16 fev. 2015.
- PERCINO, Eziel B. (2012). Bashevis Singer: tradição e modernidade. *Cadernos de Língua e Literatura Hebraica*, (10), 121-132. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/cllh/article/view/53656/0>>. Acesso em: 21 fev. 2015.
- ROSKIES, D. G. (2009). Contadores de histórias em iídiche e a política do resgate. *WebMosaica*. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/webmosaica/article/view/11981/7105>>. Acesso em: 13 jul. 2015.
- SAPOSNIK, Irving S. God Bless The Child: Past and Present in Some Recent Works of IB Singer. *Judaism*, v. 29, n. 4, p. 454, 1980.
- SCHOLEM, Gershon. *As grandes correntes da mística judaica*. Trad. Jacó Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1995.
- SCLIAR, Moacyr; NISKIER, Arnaldo. (2011). Os méritos da Haskalá: Moacyr Scliar entrevista Arnaldo Niskier. *WebMosaica*. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/webmosaica/article/viewFile/22367/13023>>. Acesso em: 21 fev. 2015.



SINGER, Isaac Bashevis. *Amor e exílio*. Trad. Lya Luft. Porto Alegre: L&PM, 2007.

SINGER, I.saac Bashevis. *No tribunal de meu pai*. Trad. Alexandre Hubner. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.